



## O ENSINO DE GEOGRAFIA E A CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO: ESTRATÉGIAS DIDÁTICO-PEDAGÓGICAS

Izabelle Trajano da Silva<sup>1</sup>; Helenize Carlos de Macêdo<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal da Paraíba, [izabeller@hotmail.com](mailto:izabeller@hotmail.com); <sup>2</sup>Universidade Federal de Pernambuco, [helen\\_ane@hotmail.com](mailto:helen_ane@hotmail.com)

### RESUMO

O presente trabalho é fruto de reflexões e experiência em sala de aula em uma escola pública, localizada na cidade de Juazeirinho-PB. O referido estabelecimento de ensino situa-se na mesorregião da Borborema e microrregião do Seridó Oriental. Seu clima é típico semiárido e a vegetação é de caatinga, o que se constitui uma importante oportunidade para se trabalhar com o conteúdo do semiárido de maneira contextualizada no ensino de Geografia. A Geografia é responsável por auxiliar os alunos a lerem o espaço onde vive e só é possível ler o espaço, a partir da compreensão da dinâmica natural e social. Tentou-se, assim, construir juntos aos discentes uma visão de um semiárido onde a vida é possível sem sofrimento, ou seja, lutou-se para desmistificar a imagem de um semiárido apenas castigado pela seca, para isso parte-se do princípio que é preciso aprender a conviver com as adversidades existentes. Planejou-se um conjunto de aulas para os 6º anos e 7º anos (séries onde o referido conteúdo está presente nos currículos), permeado de debates e reflexões. Como materiais de apoio para as aulas, utilizou-se o livro didático, pesquisas na *internet* e algumas cartilhas disponíveis no *site* do INSA (Instituto Nacional do Semiárido), importante aliado para quem busca trabalhar uma educação contextualizada com o semiárido. No decorrer das aulas foram solicitadas algumas atividades avaliativas, dentre elas pode-se destacar, a confecção de maquetes de tecnologias sociais para obtenção e armazenamento de águas (cisternas, açudes, barragens, poços artesianos e instalação de dessalinizadores, irrigação por gotejamento e barragens subterrâneas), pois elas são o ponto chave para se conviver bem no semiárido. Portanto, a discussão aqui proposta sobre as estratégias didático-pedagógicas de convivência com o semiárido no ensino de Geografia é uma tentativa de auxiliar outros professores que também almejam essa rica experiência de auxiliar os alunos a entender o lugar onde vive.

**Palavras-chave:** Ensino de Geografia, Semiárido, Convivência.

### 1. INTRODUÇÃO

O ensino da Geografia no ensino básico constitui-se basilar na formação cidadã, preparando os discentes para a leitura/compreensão do mundo em sua complexidade e contradições, e desse modo para a atuação ativa na transformação dos seus espaços de vivência, de forma ética e responsável (MACÊDO *et al.*, 2012; MACÊDO, 2015). Para Almeida (1999, p. 83), a finalidade da Geografia “é munir os alunos de conhecimentos que lhes permitam agir de modo mais lúcido ao tratar das questões do espaço em diferentes níveis”.

Segundo Belo e Ferreira (2012), a Geografia traz em sua perspectiva de abrangência, em relação aos diversos campos de conhecimento científico, o respaldo necessário ao

(83) 3322.3222

[contato@conidis.com.br](mailto:contato@conidis.com.br)

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)



entendimento do homem enquanto sujeito ativo em um mundo dinâmico. Sendo esta compreensão importante por elucidar a relação sociedade/natureza nos diferentes momentos históricos, dando possibilidade para repensar o futuro do planeta mediante a sua conservação, através de atitudes conscientes no espaço.

No entanto, convém ressaltar que para o alcance dos objetivos do ensino de Geografia se faz necessário refletir sobre as concepções teórico-metodológicas que envolvem a prática de ensino no âmbito geográfico, buscando alternativas metodológicas atrativas que levem os alunos a pensarem e construírem os seus conhecimentos de maneira autônoma, sendo o professor um auxiliar nesse processo.

O professor de Geografia, portanto tem uma função importante, agindo como mediador no processo educativo, selecionando os materiais adequados de acordo com os conteúdos a serem ministrados, desenvolvendo metodologias apropriadas aos assuntos estudados, elaborando projetos e outras atividades importantes para a aprendizagem de conceitos e a leitura geográfica, contextualizando sempre com a realidade dos sujeitos do processo pedagógico.

Nesse sentido, tomando como premissa a importância da contextualização do ensino de Geografia e da abordagem de novas metodologias, como mecanismos que possibilitam aproximar os conteúdos da realidade dos discentes, propõe-se discutir estratégias didático-pedagógicas voltadas para o contexto do semiárido paraibano a partir de experiências vivenciadas no âmbito da prática de ensino na Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro, Juazeirinho – PB. Visando, desse modo contribuir com o debate sobre a necessidade de elaboração de materiais didáticos e práticas de ensino condizentes com o contexto do semiárido.

## **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **2.1 O ensino de geografia no ensino fundamental**

O ensino de Geografia no ensino fundamental objetiva formar os discentes para a leitura espacial do mundo, mediante a aprendizagem de conceitos geográficos e o desenvolvimento de habilidades que possibilitarão o exercício da cidadania. Callai (2005), abordando o papel



da Geografia na escola, explica que este perpassa por ensinar a fazer a leitura do mundo através da análise espacial e completa:

Fazer a leitura do mundo não é fazer uma leitura apenas do mapa, ou pelo mapa, embora ele seja muito importante. É fazer a leitura do mundo da vida, construído cotidianamente e que expressa tanto as nossas utopias, como os limites que nos são postos, sejam eles do âmbito da natureza, sejam do âmbito da sociedade (culturais, políticos, econômicos).

Ler o mundo da vida, ler o espaço e compreender que as paisagens que podemos ver são resultados da vida em sociedade, dos homens na busca da sua sobrevivência e da satisfação das suas necessidades. Em linhas gerais esse é o papel da Geografia na escola (CALLAI, 2005, p. 228-229).

A Geografia no ensino fundamental possui em seu currículo uma série de conteúdos que contemplam temáticas variadas, proporcionando aos discentes a análise e interpretação da interação entre a sociedade e a natureza, e compreensão das transformações que vêm ocorrendo nesta relação, devido às mudanças provocadas pelo desenvolvimento tecnológico e científico (OLIVEIRA e CAMPOS, 2011).

Para Castelar (2000, p.30), ler o espaço “significa criar condições para que a criança leia o espaço vivido”. Ou seja, proporcionar caminhos para que os alunos construam seus próprios conhecimentos de maneira autônoma e crítica, e assim possam atuar conscientemente em seu espaço de vivência. Isto, é possível a partir da inserção de novas abordagens teórico-metodológicas no processo de ensino-aprendizagem, que considerem os alunos como sujeitos do processo educativo, construtores do seu próprio conhecimento e o professor como mediador deste processo. Trata-se de uma abordagem crítica, no qual os alunos não são tidos como meros corpos receptáculos de conteúdos.

Sabe-se que as concepções teórico-metodológicas não são o único fator a ser considerado no processo ensino-aprendizagem, existem inúmeros condicionantes a serem discutidos (psicológicos, estrutura do ambiente, condições socioeconômicas, e outros), entretanto, constituem-se em peça chave no entendimento deste processo e para a formação cidadã.

De acordo com Callai (2005), o ensino tradicional da Geografia, caracterizado pela enumeração de dados geográficos e que trabalha os espaços de modo fragmentado, não tem muito a contribuir na formação dos alunos. É importante a superação dessa lógica positivista, que não depende única e exclusivamente da vontade do professor, mas é necessário:



que haja concepções teórico-metodológicas capazes de permitir o conhecimento do saber do outro, a capacidade de ler o mundo da vida e reconhecer a sua dinamicidade, superando o que está posto como verdade [...]. A clareza teórico-metodológica é fundamental para que o professor possa contextualizar os seus saberes, os dos seus alunos, e os de todo o mundo à sua volta (CALLAI, 2005, p. 231).

A superação da perspectiva tradicional requer repensar a prática de ensino convencional, buscando novas concepções pautadas no entendimento do mundo atual em toda a sua complexidade, fundamentadas em aceções teórico-metodológicas sólidas. Nesse aspecto, Callai (2005, p. 233) defende uma perspectiva de ensino contextualizada a partir do que chama de alfabetização espacial, no qual “a principal questão é exercitar a prática de fazer a leitura do mundo” sendo importante:

poder trabalhar, no momento da alfabetização, com a capacidade de ler o espaço, com o saber ler a aparência das paisagens e desenvolver os significados que elas expressam. Um lugar é sempre cheio de histórias e expressa/mostra o resultado das relações que se estabelecem entre as pessoas, os grupos e também das relações entre eles e a natureza (CALLAI, 2005, p. 234).

Cavalcanti (2002, p.24) destaca a necessidade de se pensar a Geografia do cotidiano, estabelecendo relações entre “[...] os conceitos cotidianos dos alunos e os trabalhados pela ciência geográfica”. Assim, compreende-se que é fundamental o trabalho a partir do lugar de vivência dos alunos, contextualizando o conteúdo estudado com as suas realidades, fazendo uma abordagem multiescalar.

Nesse sentido, entende-se a importância do ensino da Geografia cidadã, a partir da leitura espacial e do lugar de vivência dos alunos. Nessa abordagem, o professor enquanto agente mediador desempenha papel relevante, auxiliando os alunos na construção dos seus conhecimentos, através de uma concepção teórico-metodológica sólida, crítica, repensando cotidianamente sua prática de ensino.

## **2.2 O ensino da geografia e o espaço vivido: análise a partir da perspectiva de convivência com o semiárido**

O uso de métodos que possibilitem o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias ao entendimento do espaço geográfico, a partir da abordagem da vida cotidiana é fundamental para a leitura espacial, propiciando ao discente a compreensão da realidade que o cerca. O ensino focado nesta perspectiva pode proporcionar aulas atrativas, colaborando para



que o aluno entenda que o conteúdo estudado em sala de aula tem relação com o seu cotidiano e uma aplicação prática (MACÊDO, 2015).

Nesse sentido, partindo do pressuposto da relevância da aproximação dos conteúdos estudados com a realidade presente no espaço de vivência dos alunos, propõe-se a abordagem do cotidiano na perspectiva da convivência com o semiárido nas aulas de Geografia no ensino fundamental. Esta metodologia de trabalho pode contribuir na formação dos discentes, que pensando a sua realidade através da leitura espacial serão capazes de intervir de forma consciente e ativa na transformação de si e do mundo.

O conceito de convivência pauta-se na ideia da necessidade de apreender a conviver com as adversidades existentes no ambiente semiárido, buscando alternativas que possibilitem viver de forma digna e sustentável, rompendo com o pensamento tradicional que defende o combate as condições sociais e naturais consideradas “desfavoráveis” ao desenvolvimento regional. Segundo Ferreira (2004), essa lógica perpassa pela construção de um novo modo de pensar, sentir e agir sobre o espaço, em um contexto de possibilidades coletivas de relacionamento com o ambiente social e natural que configura a região.

Nesse âmbito, o ensino da Geografia deve se voltar para a formulação de condições de aprendizagem que permitam pensar e construir esse olhar diferenciado sobre o semiárido, através de metodologias adequadas, fazendo a contextualização dos assuntos com a realidade vivenciada pelos estudantes. Conforme Lima (2008, p. 98):

[...] construir uma proposta de educação contextualizada no Semiárido exige que os professores procurem re-aprender a aprender para poder ajudar o seu aluno/a tornar-se um aluno-pesquisador de sua realidade. O aluno/a aprende refletindo sobre sua ação e interagindo no meio social, já o professor, amplia seu olhar sobre o mundo no momento em que se desafia a pensar sobre sua prática no processo de reflexão-nação.

De acordo com Malvezzi (2007), a convivência com o semiárido deve ser iniciada nas escolas, transformando-se o processo educacional, a metodologia educativa, o currículo escolar e o material didático. Nesse aspecto, a educação contextualizada para a realidade do semiárido é desafiadora, tendo em vista que requer uma nova práxis educativa, em que o professor tem um papel fundamental na elaboração de um projeto político-pedagógico transformador.



Nesse sentido, destaca-se a importância do desenvolvimento de estratégias didático-pedagógicas que contribuam para pensar o semiárido a partir da melhoria da qualidade de vida das pessoas, garantindo o uso responsável dos recursos naturais, fazendo com que os alunos entendam as limitações e potencialidades desse ambiente, propiciando uma visão crítica da realidade por eles vivenciada. Assim, a educação nesta perspectiva permite aos alunos vislumbrarem um novo olhar dos seus contextos de vivência, proporcionando uma leitura espacial que os habilite a atuarem de maneira crítica sobre as suas realidades.

### 3. METODOLOGIA

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Severino Marinheiro situa-se as margens da BR 230, centro da cidade de Juazeirinho-PB, atendendo ao público do ensino fundamental I e II, bem como a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). É uma das escolas mais tradicionais da cidade, fundada em 1972, sendo eleita pela população como uma instituição de referência e funciona nos turnos da manhã, tarde e noite.

O espaço escolar foi recentemente reformado, visando implementar melhorias na estrutura e oferecer um ambiente adequado para a aprendizagem dos discentes. O prédio é composto de 13 salas de aula, auditório, refeitório, laboratório de informática, biblioteca, sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e uma sala de apoio administrativo. Os recursos disponibilizados para utilização em sala de aula são: quadro, pincel, data-show, computador, equipamento de som, mapas.

Os sujeitos da pesquisa constituem-se de alunos das turmas de 6º e 7º anos, dos turnos manhã e tarde, oriundos das zonas urbana e rural. As turmas têm em entre 35 a 45 alunos, possuindo discentes com diversos níveis de aprendizagem e condições (repetentes, dificuldade de leitura e escrita, dentre outras situações).

Tendo em vista alcançar os objetivos propostos para a elaboração deste trabalho, foram necessárias o desenvolvimento de algumas etapas metodológicas. Em um primeiro momento foi feita uma pesquisa teórica sobre a problemática pesquisada, selecionando-se os referenciais bibliográficos pertinentes ao contexto de estudo. Em seguida foi feita o planejamento das atividades a serem desenvolvidas com os alunos em sala de aula, entre os meses de Outubro e Novembro de 2015.

(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

**www.conidis.com.br**



- Abordagem sobre o semiárido, destacando seus aspectos naturais e humanos, contextualizando com a realidade do município de Juazeirinho – PB, demonstrando a importância da valorização e conservação dos recursos naturais desta região.
- Discussão sobre as potencialidades e limitações do ambiente semiárido, pensando a partir das estratégias de convivência. Nesse momento, foram destacados os “problemas” enfrentados na região e alternativas que possibilitem a convivência das pessoas com o ambiente de maneira sustentável.
- Na última etapa propôs-se aos alunos a elaboração e apresentação de trabalhos sobre o tema estudado (construção de maquetes, pesquisa sobre a vegetação e os animais da caatinga, dentre outros) revelando as alternativas que possibilitem a convivência de maneira sustentável com o semiárido. O resultado foi apresentado na I Exposição de Educação do município de Juazeirinho (EXPOEDUC), em Novembro de 2015.

No decorrer do desenvolvimento das atividades os alunos foram avaliados continuamente, permitindo observar os avanços obtidos no processo de ensino-aprendizagem e os ajustes no planejamento, necessários para o alcance de resultados satisfatórios.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

O semiárido brasileiro por muito tempo foi visto apenas como lugar de sofrimento, seca e atraso, isso porque não se debatia sobre a sua principal característica que é a desigual distribuição de chuvas no tempo e no espaço. Nesse contexto, a escola, muitas vezes, auxiliou a disseminação de tal pensamento, sobretudo quando se utilizava apenas os livros didáticos, que apresentavam imagens de sua vegetação, apenas no período de estiagem, com ausência de folhas e um aspecto predominantemente esbranquiçado, típico da caatinga na ausência de chuvas.

Todavia é imprescindível que o olhar do semiárido para além do clima, propriamente dito, saia dos trabalhos científicos e chegue cada vez mais às escolas, lugares de grande construção de conhecimento. Assim, concorda-se com Malvezzi (2007, p. 09), que “o semiárido brasileiro não é apenas clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, arte, religião, política, história. É processo social. Não se pode compreendê-lo de um ângulo só”. E foi reconhecendo esta necessidade que se pensou em estratégias didático-pedagógicas



que pudessem auxiliar os alunos de uma escola do semiárido paraibano a conhecerem um pouco mais sobre as características do lugar onde vivem, pois só assim é que se pode aprender a gostar, a cuidar, e a respeitar o ambiente onde se vive.

Quando se parte para o ensino de Geografia e o conteúdo do semiárido, geralmente tem-se a oportunidade de trabalhá-lo durante toda a educação básica, entretanto serão discutidos aqui especificamente metodologias para as séries finais do ensino fundamental, ou seja, o chamado Fundamental II, devido as experiências vivenciadas na escola supracitada. Logo são no 6º ano e 7º ano, onde do ponto de vista do currículo esperado para se trabalhar em sala, é que se tem as maiores oportunidades de debater o semiárido brasileiro – o que não anula a possibilidade de se trabalhar com este conteúdo no 8º e 9º ano.

O 6º ano e o 7º ano são séries para se conhecer um pouco mais da geografia de maneira geral e do Brasil, respectivamente, por isso foram considerados momentos oportunos para trazer essa nova visão do semiárido, que contém um olhar contextualizado com o ambiente onde se vive.

Nesse sentido, um primeiro cuidado que o professor precisa obter é o material de se levar para a sala, pois ele pode reforçar uma imagem de lugar de sofrimento ou pode oferecer uma ideia de possibilidades de uma vida mais fácil. Portanto o docente precisa ser crítico quanto ao livro didático adotado pela escola. É preciso estar atento para qual imagem de semiárido estará se passando para as turmas: seria um semiárido, onde o desenvolvimento humano é impossibilitado, devido as características naturais ou um semiárido onde é possível se conviver e ter uma boa qualidade de vida.

Feito as devidas observações no livro didático, é importante buscar outras fontes para se trabalhar em sala. Entretanto não é fácil encontrar aulas prontas sobre a convivência com o semiárido. Localizou-se na *internet* projetos pontuais, realizados em algumas escolas, mas nem o *site* Portal do Professor, referência em boas aulas, ofereceu aulas sobre o semiárido (nem nas ciências naturais e nem em Geografia), o que mostra o real esforço do professor para montar aulas que sejam esse o conteúdo.

Por outro lado, o Instituto Nacional do Semiárido (INSA, 2016) é um aliado do professor e contém em seu *site* uma diversidade de cartilhas que podem ser utilizadas em sala



de aula tranquilamente. Com leituras fáceis e ilustrações chamativas, é possível convidar os alunos a mergulharem no mundo do semiárido brasileiro, um universo de belezas endêmicas.

Uma vez conhecido um pouco mais das características naturais, é importante que o aluno compreenda um grande mito em relação ao semiárido: a ausência de chuvas. Para isso, o aluno precisa saber como ocorre a dinâmica natural do lugar onde vive e Malvezzi (2007, p. 10) explica isso de uma maneira muito clara,

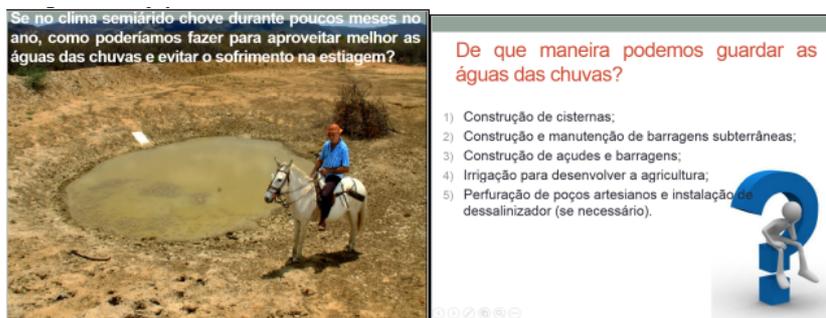
É o semiárido mais chuvoso do planeta: a pluviosidade média é 750 mm/ano (variando dentro da região de 250 mm/ano a 800 mm/ano). É também o mais populoso, e em nenhum outro as condições de vida são tão precárias como aqui. O subsolo é formado por 70% das rochas cristalinas, rasas, o que dificulta a formação de mananciais perenes e a potabilidade da água, normalmente salinizada. Por isso, a captação da água de chuva é uma das formas mais baratas e viáveis para se viver bem na região.

O referido autor explica ainda que no semiárido brasileiro há déficit de hídrico, isto é, a água que cai é menor do que a água que evapora – a evaporação é 3.000 mm/ano, três vezes maior do que a precipitação. E essas informações são fundamentais para desmistificar a ausência de chuvas.

Para levar esse debate de maneira leve à sala de aula, pode-se partir, por exemplo, do seguinte questionamento: quantos e quais são os alunos que possuem cisternas em suas residências. No caso de Juazeirinho (zona urbana), por exemplo, que é abastecido pelo açude Epitácio Pessoa (localizado em Boqueirão-PB), quem convive na cidade viu, cada vez menos, a construção de cisternas. Entretanto com a atual crise de abastecimento do referido açude, volta-se a observar a edificação de cisternas, pois o abastecimento da cidade por este açude já é quinzenal, ou seja, as famílias que não possuem grandes reservatórios de água passam a ter sérios problemas, enquanto aquelas que possuem cisternas, tem mais opções.

Então, são com questionamentos do cotidiano e a partir de fatos do próprio município que se pode levar o debate à sala de aula. E tão importante quanto apresentar as características naturais é apresentar as tecnologias sociais que permitem a convivência com o semiárido. A Figura 1 apresenta duas projeções utilizadas em sala de aula, nas quais orientam a discussão.

**Figura 1: Projeções utilizadas em uma das aulas sobre a convivência com o semiárido**



Fonte: Elaborado pelas autoras, 2015.

Na figura 1, há duas projeções, uma é a imagem muito disseminada, relacionada ao semiárido (com seca e sofrimento do ser humano), porém em contrapartida existe um questionamento para ouvir as vozes da turma sobre as possibilidades de se evitar cenas como esta. Após o debate entre os alunos, utilizou-se a segunda projeção, na qual apresenta-se as tecnologias sociais e dialogando mostra-se os seus respectivos benefícios.

Embora não seja possível exibir neste trabalho todas as projeções construídas, pode-se perceber que elas partiram sempre da reflexão, pois só assim mediante os questionamentos levantados, é possível mostrar as possibilidades de convivência com o semiárido. Então dentre as atividades avaliativas, foi pedido elaboração de maquetes que representassem as tecnologias sociais apresentadas em sala. Os trabalhos elaborados pelos alunos foram exibidos na I Exposição de Educação do município de Juazeirinho (EXPOEDUC) e estão expressas na Figura 2.

**Figura 2: Exposição de trabalhos enfocando a convivência com o semiárido (maquetes de tecnologias sociais e pinturas de vegetação típica)**



Fonte: Arquivo das autoras, 2015.



A confecção de maquetes é interessante porque o aluno tem a oportunidade de reproduzir não apenas a realidade que já conhece, como os açudes e barragens (Figura 2A), e cisternas (Figuras 2B), como também tem a oportunidade de fazer aquilo que aprendeu durante as aulas. Outra possibilidade concedida, foi colorir as cactáceas típicas da vegetação do semiárido (Figura 2C), o que permitiu retirar a imagem acinzentada do bioma caatinga.

Por fim, vale destacar o momento de exposição dos trabalhos confeccionados (Figura 2D), onde a comunidade escolar foi visitá-los e teve este contato com os alunos, agora munidos de uma visão contextualizada do semiárido brasileiro. Assim, com ações como essa, na qual se trabalha a realidade do aluno, a escola cumpre o seu papel de construir cidadãos atuantes na sociedade onde vive.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação contextualizada é uma necessidade de todos os estabelecimentos de ensino localizados no semiárido brasileiro. No entanto, só se pode cobrar uma consciência de convivência com o semiárido se for dada a devida oportunidade de os alunos conhecerem as possibilidades existentes, caso contrário, resta apenas os mitos de que a natureza é a responsável pelas estiagens e que o ser humano deve apenas esperar os períodos de chuvas e não fazer nada para reter a água.

“A primeira lei de convivência com o semiárido, então, é a captação inteligente da água da chuva, uma prática milenar, usada pelo povo de Israel desde os tempos bíblicos” (MALVEZZI, 2007, p. 13). Se o aluno ficar com esta informação clara na mente, será a premissa essencial para ele entender melhor o espaço em que vive. Começará a se pensar quem são os responsáveis ou irresponsáveis pela presença ou ausência de água para a população. Começará a se desenvolver um raciocínio de cidadania, começará a se respeitar o lugar onde se vive, a partir daquilo que ele tem a oferecer.

Com tudo isso, rompe-se o ensino engessado que apenas apresenta o semiárido como lugar de sofrimento e atraso, convida os alunos a desenvolverem um pensamento cidadão, capaz de desenvolver posturas atuantes na sociedade em que se vive, enfim tem a certeza que a educação cumpriu o seu papel.



## 6. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. D. de. Ensinar Geografia para quem vive num outro mundo. In: **Anais** do V Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia. Belo Horizonte: PUC/MG, 1999.
- BELO, E. M.; FERREIRA, G. H. C. A importância da Geografia em sala de aula: o desafio de um ensino capaz de formar o cidadão. **Linguagem Acadêmica**, Batatais, v. 2, n.2, jul/dez, p. 65-82, 2012.
- BRASIL. **Instituto Nacional do Semiárido**. Disponível em: <[www.insa.gov.br](http://www.insa.gov.br)> Acesso em: 01 Out 2016.
- CALLAI, H. C.. Aprendendo a ler o mundo: a Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cad. Cedes**, Campinas, v.25, n.66, maio/ago., p.227-247, 2005.
- CASTELAR, Sonia Maria V. A alfabetização em Geografia. **Espaços da Escola**, Ijuí, v. 10, n.37, jul/set, p. 29-46, 2000.
- CAVALCANTI, L. de S.. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.
- FERREIRA, R. de S. D.. Educação e convivência com o semi-árido brasileiro: experiência de uma Ong em Curaça – Bahia. 2004. 111f. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado da Bahia, Senho do Bonfim, 2004.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**. Diretoria de Pesquisas – DPE, Coordenação de População e Indicadores Sociais – COPIS. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- LIMA, E. de S.. A formação continuada de professores no semi-árido: valorizando experiências, reconstruindo valores e tecendo sonhos. 2008. 240f. **Dissertação** (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.
- MACÊDO, H. C. de. Refletindo sobre o espaço vivido: o lugar na construção dos conhecimentos geográficos. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, Campinas, v.5, n.10, jul/des, p. 152-165, 2015.
- MACÊDO, H. C. de; SILVA, R. de O.; MELO, J. A. B. de. Oficina pedagógica: uso de geotecnologias no ensino de Geografia e as transformações na sociedade e reflexos na escola. **Geografia**, Londrina, v.21, n.2, maio/ago., p.137-149, 2012.
- MALVEZZI, R.. **Semi-árido: Uma visão holística**. Brasília: Confea, 2007, 140p.
- OLIVEIRA, E. D.; CAMPOS, M. A. F.. Análise do ensino de Geografia no ensino fundamental no Município de Portalegre – RN. **Geotemas**, Pau dos Ferros, v.1, n.2, jul/dez, p. 101-117, 2011.

(83) 3322.3222

[contato@conidis.com.br](mailto:contato@conidis.com.br)

[www.conidis.com.br](http://www.conidis.com.br)